

Jornal *A Escola* e a formação normalista em Teresina-Piauí (1933 – 1943)

Francisco Gomes VILANOVA¹

Resumo

Esta pesquisa elegeu como tema central o jornal *A Escola*, vinculado à Escola Normal em Teresina, no Piauí. Seu recorte temporal abrange os anos de 1933 a 1943. O objetivo foi analisar o referido jornal como dispositivo pedagógico utilizado no processo de formação de estudantes e como espaço de veiculação dos assuntos relacionados ao cotidiano da escola. O estudo situa-se no campo da História da Educação, seguindo as postulações da Nova História Cultural, com ênfase nas discussões sobre imprensa pedagógica e escolar. A operação metodológica assentou-se nos enunciados de cinco edições do periódico com o objetivo de perceber os modos como ele colaborou para a formação normalista. O trabalho revelou que *A Escola* serviu como veículo de informação e formação dos estudantes, uma vez que fazia circular enunciados sobre educação e ensino, pátria e civismo e sobre o cotidiano escolar da instituição e de seus sujeitos.

Palavras-chave: Escola Normal. História da Educação. Imprensa Escolar. Jornal Estudantil. Piauí.

¹ Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (PPGED/UFPI). Pesquisador do Núcleo de Educação, História e Memória (NEHME). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0335-7131>. E-mail: vilanova@ufpi.edu.br.

A Escola newspaper and normalist education in Teresina-Piauí (1933 - 1943)

Francisco Gomes VILANOVA

Abstract

The central theme of this research was the newspaper *A Escola*, linked to the Normal School in Teresina, Piauí. Its time frame covers the years 1933 to 1943. The aim was to analyze the newspaper as a pedagogical device used in the process of training students and as a space for disseminating issues related to the daily life of the school. The study is situated in the field of the History of Education, following the postulations of the New Cultural History, with an emphasis on discussions about the pedagogical and school press. The methodological operation was based on the statements in five editions of the periodical with the aim of understanding the ways in which it contributed to the training of normalists. The work revealed that *A Escola* served as a vehicle for information and education of students, since it circulated statements about education and teaching, homeland and civic spirit and about the daily life of the institution and its subjects.

Keywords: Normal School. History of Education. School Press. Student newspaper. Piauí.

Periódico *A Escola* y la formación normalista en Teresina-Piauí (1933 – 1943)

Francisco Gomes VILANOVA

Resumen

El tema central de esta investigación fue el periódico *A Escola*, vinculado a la Escuela Normal de Teresina, Piauí. Su marco temporal abarca los años 1933 a 1943. El objetivo fue analizar el periódico como dispositivo pedagógico utilizado en el proceso de formación de los alumnos y como espacio de divulgación de temas relacionados con la vida cotidiana de la escuela. El estudio se sitúa en el campo de la Historia de la Educación, siguiendo las postulaciones de la Nueva Historia Cultural, con énfasis en las discusiones sobre la prensa pedagógica y escolar. La operación metodológica se basó en las declaraciones en cinco ediciones del periódico con el objetivo de comprender las formas en que colaboró en la formación de los normalistas. El trabajo reveló que *A Escola* sirvió como vehículo de información y formación de los estudiantes, ya que circuló declaraciones sobre educación y enseñanza, patria y espíritu cívico y sobre la vida escolar cotidiana de la institución y sus sujetos.

Palabras clave: Escuela Normal. Periódico Estudiantil. Prensa Escolar. Historia de la Educación. Piauí.

Introdução

Este estudo elege como objeto e fonte de análise o jornal *A Escola*, órgão dos alunos e alunas da Escola Normal de Teresina, capital do Piauí, que circulou, de forma descontínua, entre os anos de 1933 a 1943. O foco da discussão girou em torno da análise do jornal como dispositivo pedagógico utilizado no processo de formação normalista e espaço de veiculação dos assuntos relacionados ao cotidiano da escola. O impresso é, portanto, tomado como veículo disseminador dos ideais de formação a partir das práticas pedagógicas orientadas pela instituição. Ao pensar o lugar da imprensa periódica como fonte e objeto de estudo, Luca (2008, p. 118, grifo da autora) afirma que “ao lado da História **da** imprensa e **por meio da** imprensa, o próprio jornal tornou-se **objeto** da pesquisa histórica”. Ao compartilhar uma visão semelhante, Vilanova (2024, p. 3), argumenta que “o estudo da imprensa, por meio dela mesma, tem se constituído em um campo profícuo para compreender o passado, a partir do olhar de registros daqueles que testemunharam as experiências dos diferentes grupos sociais em um determinado tempo e lugar”.

O jornal escolar passou a ser propagado como recurso pedagógico, de maneira mais intensa, por meio das concepções de Freinet (1974), propagadas em meados da década de 1920. Esse educador defendia que a produção de jornais, por meio de uma escrita livre, servia como técnica de ensino que estimulava a capacidade de leitura e escrita dos estudantes. Seu método baseava-se no desenvolvimento de programas de ensino baseados na elaboração de jornais, correspondência escolar e na expressão livre, buscando valorizar a cooperação e a autonomia desenvolvidas através da prática associada à realidade do aluno.

A disseminação dessas ideias levou muitas escolas a incentivarem a elaboração desses impressos em sala de aula, estimulando a criatividade no ambiente escolar. Entretanto, essa situação produziu um efeito controlador sobre essas publicações, uma vez que muitos periódicos nasciam articulados aos interesses das instituições às quais estavam vinculados. Essa condição evidencia uma cultura de controle presente nas relações entre a instituição e a classe estudantil, que se dava por meio de um conjunto de normas que regulavam o comportamento dos estudantes e daquilo que produziam.

Os estudos sobre periódicos escolares articulam-se ao movimento de alargamento de possibilidades de pesquisa associadas à Nova História Cultural, que “[...] tem como principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 2002, p. 16). Esse apporte auxiliou na compreensão da

necessidade de investigar esses artefatos que permaneceram por muito tempo arquivados e vistos apenas como parte da memória escolar. Dessa forma, tais fontes foram negligenciadas por um olhar historiográfico que priorizava as grandes narrativas (Bastos, 2015).

A ampliação do sentido de objeto e de fonte nos permite olhar a imprensa como um campo promissor para compreender o passado da educação. Nessa mesma perspectiva, Nóvoa (2002, p. 13) sublinha que “a imprensa constituiu uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo”. Na história da educação, os estudos sobre a imprensa escolar têm se expandido consideravelmente porque “o interesse pelo conhecimento e a sistematização de informações acerca dos periódicos especializados em educação têm ocupado pesquisadores de vários países nos últimos tempos” (Catani; Bastos, 2002, p. 5).

No caso de periódicos produzidos nas escolas e por seus agentes, utilizamos o termo Imprensa Escolar, em consonância com Jacques e Grimaldi (2007, p. 101), para os quais “a imprensa escolar corresponde a um campo de investigação da História da Educação que procura analisar a produção dos estudantes e a difusão dos conhecimentos por meio de jornais ou revistas”. Seja como fonte ou objeto de estudos no campo da História da Educação, os periódicos escolares têm se constituído em importantes meios para se analisar vários aspectos da cultura escolar, compreendida como um “conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (Julia, 2001, p. 10, grifos do autor).

Dessa maneira, o jornal *A Escola* tornou-se, ao mesmo tempo, fonte e objeto privilegiado para se discutir o protagonismo normalista no cenário educacional piauiense em variadas nuances, posto que os textos publicados expressam os principais interesses dos estudantes nos seus contextos. Suas páginas permitiram perceber aspectos relacionados às atividades, às normas, pensamentos e projeto de formação em voga da principal instituição responsável pela formação do professorado primário no estado. Dessa forma, os jornais “traduzem com riqueza os debates, anseios, as desilusões e utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos” (Catani; Bastos, 2002, p. 5). Portanto, o exame de *A Escola* possibilitou entender que as publicações periódicas de estudantes, “em diferentes níveis de ensino, são documentos importantes para analisar a cultura escolar e suas práticas” (Bastos; Ermel, 2013, p. 169).

Os periódicos serviam para motivar os estudantes no desenvolvimento das tarefas escolares e para unir escola e comunidade por meio da divulgação das atividades realizadas. Dessa forma, “o jornal tem por objetivo vitalizar os trabalhos, imprimi-los movimento, cooperar para que os

programas tenham a eficácia educativa que deles se espera” (Casasanta, 1939, p. 37). A partir dessas premissas, “os jornais [escolares] foram vistos como importante estratégia educativa” (Faria Filho, 2002, p. 134, grifo nosso). Diante da sua importância nas pesquisas no campo da História da Educação, é necessário tomar consciência de que, “conhecer a história através da imprensa pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado de fontes e reflexão teórica. Sem esses ingredientes corre-se o risco de repetir para o leitor, aliás sem o charme do jornal, a história que ele conta” (Capelato, 1988, p.23).

Antes de adentrar, de forma mais adensada, as páginas de *A Escola*, se faz pertinente visitar o seu lugar de produção, pois esse tipo de artefato associa-se à cultura material e às práticas educativas da instituição à qual pertence. Nesse caso, trata-se da Escola Normal Oficial de Teresina.

Escola Normal Oficial: lugar do jornal

A criação da Escola Normal de Teresina, instituição que congregou editores e editoras e a maior parte dos alunos e alunas protagonistas das páginas de *A Escola*, pode ser tomada como reflexo do contexto político e educacional imperial, sobretudo a partir dos termos do Ato Adicional, de 12 de agosto de 1834, o qual estabeleceu que cada província passaria a ter a responsabilidade pela organização do seu sistema educacional, bem como pela formação de seus professores (Soares, 2004). Nessa esteira, as províncias passaram a organizar suas redes de ensino e articular a formação de professores de primeiras letras. Isso levou à criação da Escola Normal de Niterói, no Rio de Janeiro, em 1835, tornando-a modelo e influência para o aparecimento de outras instituições da mesma natureza em várias províncias brasileiras, nos anos e décadas posteriores.

No Piauí, a Escola Normal foi criada por meio da Resolução Provincial nº 563, de 5 de agosto de 1864. Situada em Teresina, nesse primeiro momento, a instituição ofertou curso misto com duração de dois anos, tendo sido extinto em 1867. Do período de sua criação até a primeira década do século XX, o curso normal atravessou diversos momentos de instabilidade. Via de regra, sua trajetória foi marcada por oscilações entre períodos de funcionamento e de interrupções, muitas vezes, justificadas pelo governo, em razão da falta de recursos ou mesmo pelo reduzido número de matrículas. A primeira tentativa de funcionamento com resultados positivos só ocorreu em 1882, em virtude da emergência da oferta de cursos de formação de professores que pudessem desempenhar o magistério primário de forma satisfatória (Queiroz, 2017).

Entre os critérios exigidos aos candidatos ao curso estavam: “domínio das matérias da instrução primária; idade mínima de 18 anos para os homens e de 16 para mulheres; boa conduta moral, civil e religiosa e atestado médico indicando que o candidato não era portador de moléstia contagiosa” (Queiroz, 2017, p. 25). Nessa época, ainda segundo a mesma autora, a instituição funcionou nas mesmas instalações do Liceu Piauiense e manteve-se aberta até 1888, quando foi extinta, em decorrência das limitações financeiras da província e da falta de adesão da sociedade, traduzida no inexpressivo número de matrículas.

Mais uma vez, o ensino normal passou por um período de estagnação. Essa situação só ganhou novos contornos a partir de 1908, quando um grupo de intelectuais piauienses fundaram a Sociedade Auxiliadora da InSTRUÇÃO², que tomou a iniciativa de fundar a Escola Normal Livre, que voltou a funcionar em 1909 (Soares, 2004; Queiroz, 2017). A preocupação desses ilustrados em promover a reabertura da Escola Normal, como escola livre, levou o governo piauiense a reassumir as responsabilidades dessa oferta de ensino, instituindo, em 1910, a Escola Normal Oficial. A partir desse período, o educandário conseguiu estabilidade, aumentando gradualmente seu índice de matrícula, transformando-se em um dos principais estabelecimentos de ensino do Piauí, no período de circulação de *A Escola*. Com a inauguração do seu edifício, em 1924, a instituição tornou-se símbolo de modernidade e de desenvolvimento da educação no estado, considerada como templo do saber e representação de civilidade. À época de sua inauguração, a edificação passou a ser chamada de “Palácio da InSTRUÇÃO”, conforme pode ser visto na figura 1, publicada na imprensa carioca, em 1936.

² A Sociedade Auxiliadora da InSTRUÇÃO foi criada em 1908, por um grupo de políticos e intelectuais interessados em promover a difusão do ensino no Piauí. Foi responsável pela criação da Escola Normal Livre, em 1909. Além disso, realizaram estudos com o objetivo de diagnosticar a condição da instrução piauiense e propor alternativas para superar os problemas identificados.

Figura 1 – Edifício da Escola Normal Oficial de Teresina, inaugurado em 1924



Fonte: Revista *Carioca*, ano 13, p.4, Rio de Janeiro, 18 jan. 1936.

A figura apresenta a estrutura da Escola como uma das mais imponentes de Teresina. O prédio foi construído na Praça Marechal Deodoro da Fonseca, no centro da cidade. Signo de civilidade e requinte, a imponência da instituição dava a perceber o lugar que a instrução vinha ocupando naquele contexto. Essa representação nos ajuda a compreender que a celebração do aniversário da instituição foi uma das principais motivações para fazer circular algumas edições de *A Escola*, visto que, das cinco edições analisadas, três³ foram publicadas na data de aniversário da escola – 15 de maio. As notas de apresentação anunciam o caráter comemorativo dessas edições. A edição de 1936 sublinha que a data é uma das mais significativas, por se tratar da criação do estabelecimento, constituindo-se em um marco da instrução piauiense. A mesma matéria expressou também as contribuições da Escola Normal para o processo e expansão da instrução no estado. O enunciado comemorava a data, ao enfatizar que “o dia que festejamos assinala um grande acontecimento na história do Piauí, cujas

³ Edições de n.5, 6 e 9 de 1936, 1937 e 1943, respectivamente.

vantages refletem-se atualmente nas radicais transformações que vamos sofrendo a bem da civilização e modernização dos nossos atuais costumes" (A data, 1936, p. 1).

A classe normalista mantinha um sentimento devocional ao educandário, considerado como um templo de formação, disseminador de instrução e responsável pelo desenvolvimento educacional de crianças e jovens daquela sociedade. Uma estudante reforça esta posição ao enfatizar que “é nesta instituição escolar que recebemos a luz da instrução. É deste templo, que tem saído a maior fonte de riqueza, com o preparo do professor primário” (Monteiro, 1937, p. 1). Essas lentes revelam que a Escola Normal se constituiu em um espaço de formação normalista de jovens estudantes comprometidos em colaborar com o desenvolvimento piauiense, por meio da expansão do ensino e do combate ao analfabetismo.

A instituição deu lugar também à elaboração de periódicos idealizados pelos seus estudantes e agremiações. Essa prática presente na Escola Normal fazia parte da cultura de produção da escrita periodista recorrente em escolas de diferentes regiões do Brasil (Vilanova, 2024). Portanto, estava integrada à cultura das instituições formadoras de professores, posto que “A Escola Normal e/ou os Institutos de Educação são os mais profícuos na produção e circulação de jornais e revistas, boletins, produzidos pelos alunos, mestres em formação” (Bastos, 2013, p. 38). No caso da instituição piauiense, são exemplos dessas publicações a revista *Educação*⁴ e os jornais *Voz do Normalista*⁵ e *A Escola*.

De acordo com Soares (2004), a Escola Normal funcionou até janeiro de 1973, quando foi transformada no Instituto de Educação Antonino Freire, por meio do Decreto nº 1.553, em 22 de janeiro de 1973. No mesmo ano em que foi transformado em Instituto de Educação, a Escola foi transferida para um novo prédio, construído especialmente para abrigá-la.

A Escola: noticiando o periódico

O contato com o jornal *A Escola* ocorreu durante uma operação de mapeamento de periódicos escolares realizada no Arquivo Público do Piauí, em Teresina, com o objetivo de organizar um repositório dessas fontes, visando a produzir, por meio delas, estudos sobre aspectos da História da Educação no Piauí. Nesse movimento, foram localizadas cinco edições do periódico, as quais se encontravam em limitadas condições de manuseio, devido ao desgaste de suas páginas corroídas pela

⁴ Foi localizada uma edição da referida revista, do ano de 1936, cuja direção é atribuída aos professorandos concludentes da Escola Normal daquele ano.

⁵ A edição de número 1 do jornal, publicada em 15 de maio de 1937, o apresentava como “órgão do 4º ano da Escola Normal Oficial”. Foi o único número localizado com esse título nos acervos consultados do Arquivo Público do Piauí.

ação do tempo. Por conta disso, o manejo da documentação foi realizado sob a orientação e supervisão de arquivistas da instituição. As edições examinadas encontram-se elencadas no quadro 1.

Quadro 1 – Edições de *A Escola*, localizadas nos acervos do Arquivo Público do Piauí

<i>A Escola</i>	Número da Edição	Data de Publicação	Número de páginas
	n.1	17 de outubro de 1933	04
	n.5	15 de maio de 1936	04
	n. 6	15 de maio de 1937	04
	n.7	7 de setembro de 1937	04
	n.9	15 de maio de 1943	12

Fonte: Dados elaborados pelo autor

Cabe destacar que, visando localizar as edições que completariam a série do periódico, foram realizadas buscas nos catálogos de jornais lacrados⁶ do Arquivo Público do Piauí e nos arquivos do Instituto Superior de Educação Antonino Freire. Nos dois casos, não foram encontrados outros números do jornal. Magaldi e Xavier (2008) auxiliam a compreender essa situação, quando afirmam que, mesmo havendo a disponibilidade desses impressos em arquivos, instituições e bibliotecas públicas, isso não implica dizer que tal material esteja adequadamente preservado em condições duradouras.

Com relação ao seu surgimento, a edição inaugural de *A Escola* circulou no dia 17 de outubro de 1933. O número era composto de quatro páginas, dirigido, exclusivamente, por estudantes normalistas. O aparecimento do jornal foi justificado em uma nota publicada na sua primeira página intitulada de “O nosso aparecimento”, em que enfatizou a necessidade de sua publicação, argumentando que “há muito se fazia sentir a falta de um Jornalzinho na Escola Normal Oficial. Eis porque resolvemos converter em realidade a ideia de sua criação, como um veículo aos nossos pensamentos e um exercício intelectual” (O nosso, 1933, p. 1). A matéria enfatizou também que o impresso seria utilizado como exercícios para aprender a manejar a escrita com maior eficiência.

Exercitar a escrita, praticar a leitura, propagar os assuntos de interesse dos estudantes estavam entre os objetivos anunciados pelo periódico na edição inaugural, cujos discursos veiculados permitem olhar os modos como ele colaborou para diversos aspectos de sua formação normalista. Tais perspectivas têm chamado a atenção dos pesquisadores da área, uma vez que os historiadores do campo da educação passaram a interessar-se pelos periódicos que circularam no meio escolar e, assim,

⁶ Relação de jornais existentes nos acervos do Arquivo Público do Piauí indisponíveis para consulta por estarem deteriorados e sem condições de manuseio para consultas e pesquisas.

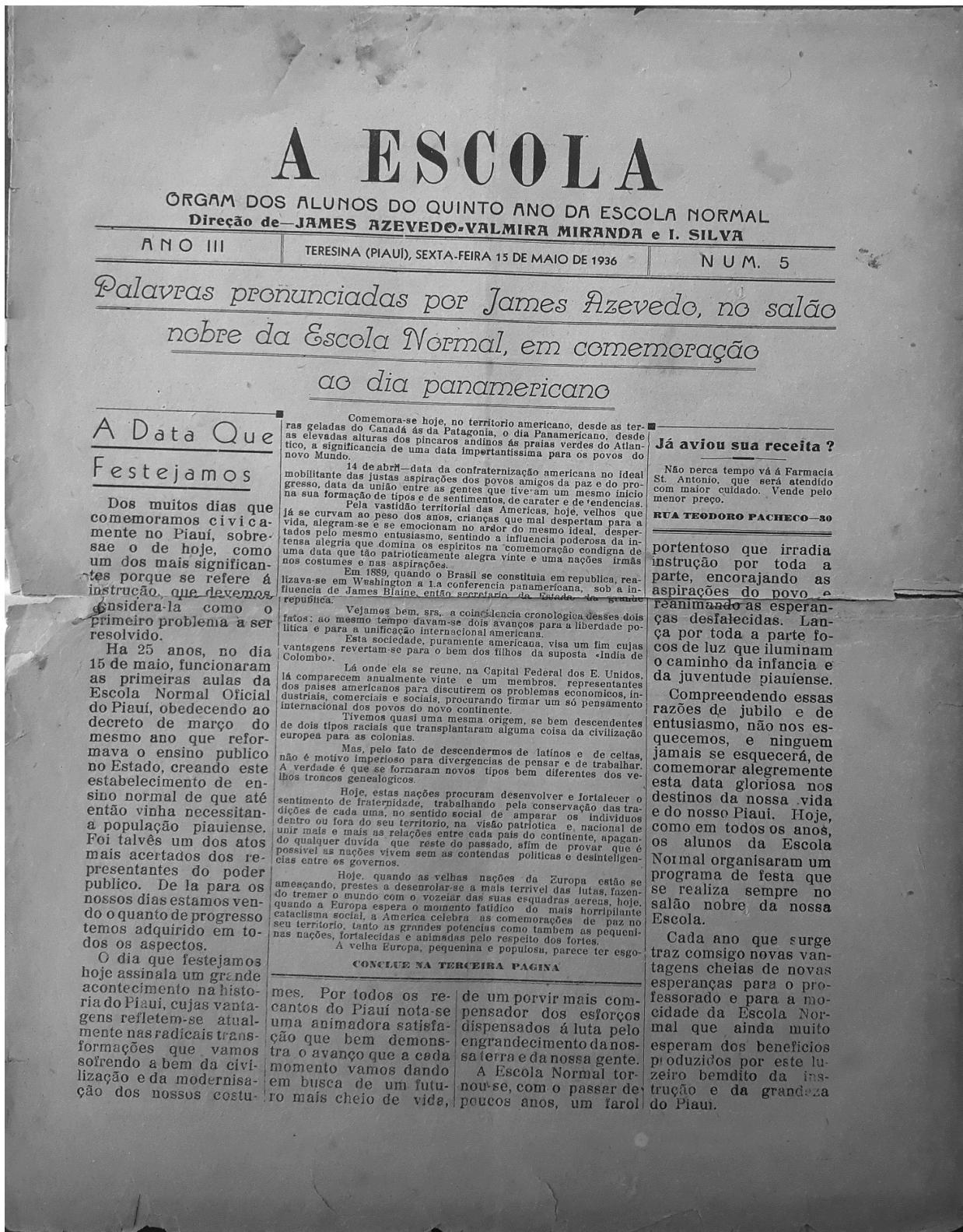
“pesquisas que abordam a imprensa pedagógica (como fonte e/ou como objeto) e os jornais produzidos por alunos, por exemplo, têm se tornado cada vez mais frequentes” (Lopes; Galvão, 2010, p. 75).

O periódico foi planejado para circular quinzenalmente, como veículo informativo do cotidiano e das concepções dos estudantes acerca de temas correlatos à educação. Além disso, seu editorial informava que as correspondências e colaborações deveriam ser enviadas à diretoria, que ficava localizada à Rua Lisandro Nogueira, nº. 2 (*A Escola*, 1933). Essa periodicidade não se confirmou e, basicamente, seu ciclo de vida foi marcado pela descontinuidade, já que o jornal circulava, quase sempre, de forma efêmera, especialmente nas comemorações do aniversário da Escola.

De modo geral, o cabeçalho das edições examinadas, definiu o jornal como órgão de alunos e alunas da Escola Normal Oficial. O protagonismo dos estudantes se fez perceber nas equipes dirigentes e na autoria dos textos publicados, os quais apareciam assinados e, em muitos casos, com a indicação do ano/série que cursavam. Esses pontos podem ser observados na figura 2.

Jornal *A Escola* e a formação normalista em Teresina – Piauí (1933 – 1943)

Figura 2 – Jornal *A Escola*, edição de 15 de maio de 1936.



Fonte: Arquivo Público do Piauí

Além das matérias assinadas por estudantes da Escola Normal, o jornal também recebia colaboração de professores e alunos de outros estabelecimentos de ensino. Isso revela que havia uma rede de comunicação entre estudantes de diferentes educandários, que se valiam dos periódicos para noticiar suas atividades e demarcar suas posições entre os pares. Além disso, escrever em jornais e revistas também se dava como forma de distinção intelectual. Era nesses veículos que muitos estudantes buscavam espaço para publicar seus estudos ou produções literárias. Contudo, vale a pena lembrar do alerta de Bastos (2015, p. 24-25), segundo a qual, “mesmo tendo periódicos produzidos pelos estudantes, devemos considerar que tais escritas não expressam um pensamento autônomo, pois estão vinculados a uma instituição, que de alguma forma exerce controle e vigilância no que está sendo publicado”. Essa relação pode ser exemplificada pela colaboração de professores nas publicações e no acompanhamento dos processos de elaboração do impresso, resultando no alinhamento de seus enunciados à instituição, por meio da divulgação de atividades, programas de ensino, trabalhos escolares, homenagens, entre outros.

Além de ser utilizado como recurso pedagógico para exercício da prática da leitura e da escrita, o jornal se inscreve como veículo de celebrações da memória da escola, o que contribuiu para a formação cívica daqueles estudantes. A documentação mobilizada nos revela um jornal cujo escopo voltava-se para a disseminação das ideias dos estudantes da Escola Normal, ao mesmo tempo que servia como instrumento pedagógico extraclasse. Essa questão pode ser observada nos seus discursos, muitos dos quais voltados para temas que, em certa medida, colaboravam para a formação dos estudantes normalistas.

Enunciados do jornal

A *Escola* tinha a pretensão de chamar a atenção para os assuntos de interesse da classe normalista de maneira atrativa e dinâmica. Seu editorial se comprometia com essa questão, ao afirmar que: “procuraremos dar ao nosso jornal uma feição atraente. Não sabemos se a conseguiremos, mas contamos conquistar o vosso interesse, e isso nos basta” (O nosso, 1933, p. 1). Associado à ideia de que a “leitura dos discursos expressos nos jornais permitem acompanhar o movimento das ideias que circulam na época” (Capelato, 1988, p. 34), o jornal fez circular um conjunto de enunciados relacionados à educação, escola e ensino, a partir das impressões de agentes que ouviram, enxergaram e experimentaram as interfaces da sua época. Assim, “revestindo sua atuação duma intencionalidade claramente educativa, o jornal punha em circulação uma série de matérias e assuntos que, em sua

generalidade, não deixavam de compor uma representação sobre suas ideias de reforma das condutas e dos costumes” (Faria Filho, 2002, p. 135).

Folheando seus escritos, observamos que os números consultados não possuíam seções permanentes. Suas matérias eram definidas de forma espontânea, a partir dos interesses imediatos dos seus editores. Suas páginas dão conta da recorrência de temas associados à educação, civismo, valores morais, literatura, crenças, cotidiano, entre outras questões vinculadas à escola e à causa da instrução. Diante disso, “é possível perceber a importância dos jornais escolares cujo foco era informar, educar, propagar ideais e dar visibilidade aos atores escolares de um dado momento” (Vilanova, 2018, p.201).

O conteúdo das edições disponíveis foi mapeado procurando perceber as regularidades e as rarefações existentes. Esse procedimento resultou na classificação das matérias, utilizando como critério a aproximação das abordagens anunciadas⁷. Dessa forma, “esses registros colaboraram para compreender atores e contextos por meio de pontos de vista das relações vividas na escola” (Vilanova, 2018, p. 201), uma vez que, dificilmente eles são encontrados em documentos protocolares. Nesse sentido, as matérias impressas nas páginas do jornal revelam aspectos da formação para além dos componentes curriculares da escola, visto que serviam de espaço de expressão de ideias, valores e sentimentos diversos. A operação de análise dos enunciados resultou na categorização das matérias, a partir da aproximação temática. Uma síntese desse levantamento pode ser observada no quadro 2.

Quadro 2 – Classificação dos conteúdos presentes nas edições de *A Escola*

ABORDAGENS	EDIÇÕES				
	Nº 1 17 de outubro de 1933	Nº 5 15 de maio de 1936	Nº 6 15 de maio de 1937	Nº 7 7 de setembro de 1937	Nº 9 15 de maio de 1943
Educação e ensino	6	1	-	-	13
Pátria e civismo	2	1	-	3	7
Cotidiano	2	6	-	3	2
Valores morais	-	1	1	2	2
Expressões literárias	2	2	1	-	1
Religião	1	-	1	1	3
Reflexões sentimentais	-	-	6	4	6
Anúncios comerciais	1	6	11	-	8

Fonte: *A Escola* (1933, 1936, 1935, 1943)

Podemos observar que nas páginas de *A Escola* foram encontrados poemas, reflexões religiosas, orientações sobre comportamento, reflexões sentimentais, entre outros. Esses textos revelam como

⁷ Importante frisar que a classificação estabelecida nesta pesquisa pode ser desdobrada em subcategorias para delineamentos mais específicos.

os estudantes enxergaram, sentiram e viveram seus processos formativos durante os estudos na Escola Normal, em Teresina. Manifestaram, por exemplo, suas convicções religiosas, orientações acerca da boa conduta para o cidadão. Entre as expressões literárias, foram publicados poemas e contos acerca de questões sentimentais, como foi o caso do poema “Mocidade”, de autoria da estudante Maria Isabel. Nesse texto, de forma bem-humorada, ela descreveu características das alunas do 5º ano do estabelecimento. Os textos com temáticas religiosas estiveram presentes nas páginas do jornal. Esses, por sua vez, versavam sobre amor e justiça, caridade cristã, importância da oração e exaltação a Maria – mãe de Jesus. Mediante esses textos observamos a predominância dos dogmas do catolicismo, considerando que tais publicações sugerem que havia uma apropriação revelada nesses enunciados.

Expressões sentimentais aparecem com frequência. Entre elas, reflexões da estudante sobre solidão, saudade, morte, homenagem às mães, entre outras. Esses escritos demonstram a sensibilidade de alunos e alunas que, em muitos casos, tiveram que enfrentar determinados dramas pessoais durante seu processo formativo. A solidão, a saudade do lugar de origem e da família e a morte de entes queridos revelam aspectos importantes para se perceber que as experiências vivenciadas pelos estudantes transcendiam à apropriação de saberes obtidos nas matérias escolares. Parte da classe normalista era oriunda de cidades e comunidades distantes de Teresina, o que lhes obrigava a deixar seu lugar e sua família para dar conta desse processo de formação na capital. Tal condição, possivelmente, causava estranheza, solidão, saudade e uma série de outros traumas que terminaram por serem externados nas páginas do periódico.

É evidente que, devido a sua importância, essas questões merecem uma investigação mais acurada. Contudo, devido aos limites dessa pesquisa, priorizamos adensar nossas lentes sobre as abordagens associadas à educação e ensino, pátria e civismo e cotidiano, uma vez que *A Escola* fez circular interessantes matérias relacionadas a essas temáticas em seus diversos meandros, conforme podemos perceber nos subtópicos a seguir.

a) Educação e ensino

Sobre educação e ensino foi publicado um conjunto diversificado de temáticas que contemplavam homenagens aos mestres e à instituição, combate ao analfabetismo, surgimento da Escola Normal, importância do professor, concepções teórico-metodológicas da nova pedagogia⁸, entre outras. Uma síntese dos enunciados mapeados pode ser observada no quadro 3.

⁸ O termo diz respeito as concepções defendidas metodológicas propagadas pelos adeptos do movimento da Escola Nova.

Quadro 3 – Publicações sobre Educação e Ensino

TITULOS	AUTORIA	ANO/ SÉRIE	Nº EDIÇÃ O	PÁGIN A	ANO
A professora	//////////	///	1	2	1933
Uma apreciação	Iris P. da Silva	///	1	2	1933
O Livro	//////////	///	1	3	1933
Pela Instrução	//////////	///	1	3	1933
Dr. Anísio Brito	//////////	///	1	3	1933
A questão da nova disciplina	//////////	///	1	4	1933
As catedrais e os castelos	James de Azevedo		5	2	1936
O mestre-artífice da educação	Raimunda Nonato dos Reis	5º ano	9	1	1943
L' École	Maria Ofélia da C. Araujo	2º ano	9	2	1943
Processo de ensino	Maria de Jesus Calland	4º ano	9	3	1943
A matemática	Vardine de Castro Lopes	3º ano	9	4	1943
A escola	José Ferreira Castelo Branco		9	5	1943
Filosofia literária e pedagogia	Luis Braga da Silva	5º ano	9	5	1943
Como surgiu a primeira escola normal	Aldenor R. de Moura	5º ano	9	7	1943
Notas filosóficas	Antonio Castro	///	9	7	1943
A instrução	Celerinda Azevedo	5º ano	9	8	1943
L'École	Teresa de Jesus Serrés	///	9	8	1943
Education	Dalila Soares da Silva	///	9	8	1943
Aula prática de agricultura	José F. C. Branco	///	9	9	1943

Fonte: *A Escola*, números 1, 5, 6, 7 e 9 (1933 – 1943)

Nesses enunciados observamos o interesse em apresentar as concepções propostas pelo Movimento Escolanovista⁹. Uma dessas publicações, da edição de 1933, intitulada “Uma apreciação”, assinada pela estudante Iris P. da Silva, pode ser tomada como exemplo. Nesse texto ela fez uma reflexão sobre modificações ocorridas nos processos de ensino e aprendizagem, enfocando as mudanças pedagógicas na atuação dos professores, a partir da adoção de modernos métodos de ensino. A aluna considerou que as gerações de professores anteriores aos seus contemporâneos atuavam de forma rudimentar, uma vez que ignoravam as diretrizes pedagógicas que norteavam o ensino, “tornavam a escola um lugar de verdadeiro suplício, onde as crianças passavam algumas horas, com tanto constrangimento, como se estivessem imersas num oceano de eterno sofrimento” (Silva, 1933, p. 2).

Na mesma matéria, ela celebrou a superação dessas características predominantes durante um longo período, cujas transformações ocorreram a partir da adesão às ideias e aos métodos propostos pelo movimento de renovação da educação. Nesse debate, a criança passou a ser vista por outras

⁹ Do ponto de vista didático-pedagógico, o movimento escolanovista defendia a ideia de que a criança deveria ser o centro do processo educativo, buscando priorizar suas necessidades e, especialmente, seus interesses, uma vez que a sua aprendizagem deveria partir de tais motivações.

lentes, sendo a escola o lugar de oferecer-lhe um tratamento cuidadoso, pois “é nesse estabelecimento que se desenvolvem e aperfeiçoam suas faculdades físicas, cultivam os sentimentos, formam o seu caráter e recebem os conhecimentos indispensáveis para vencerem nos trabalhos insanos da vida” (Silva, 1933, p. 2).

A matéria “A questão da nova disciplina”, uma aluna do 5º ano ilustrou o antagonismo entre a escola tradicional e a escola renovada, fazendo uso de um diálogo entre uma “professora Antiga” e uma “Professora Nova”. Os termos “Antiga” e “Nova” servem como representação acerca do modo como a classe normalista se apropriou das estratégias de ensino disseminadas na Escola Normal, revelando-se adepta das orientações do movimento educacional difundido naquele contexto. Tais apropriações se davam em detrimento de uma postura considerada rudimentar dos docentes que resistiam às inovações pedagógicas.

No diálogo, a Professora Antiga reclama que foi a Teresina para tomar conhecimento dos novos métodos de ensino, cuja adoção passou a ser exigida pelas escolas. Contudo, sem concordar, ela via como asneiras e maluquices a ideia de tornar a escola um ambiente de liberdade para os alunos. Em certo momento da conversa, a Professora Nova tenta convencê-la dizendo o seguinte:

É preciso que a senhora saiba que com essa liberdade que a horroriza, pode haver perfeita disciplina, alegria, interesse e trabalho fecundo. A liberdade só será anarquia se o professor não souber ou não conduzir a sua classe. A ESCOLA NOVA, dá à criança liberdade de escolher aquilo que lhe agrada, sem prejudicar o ensino e a coletividade. Não se fala mais na disciplina antiga de braços cruzados, silêncio absoluto, obtido por meio de recompensas e castigos, o que provoca a desatenção e forma seres hipócritas e incapazes. Falo da que tem como resultado, trabalho ativo e espontâneo da criança, baseado nas leis do interesse e da Psicologia infantil (A questão, 1933, p. 4, grifo da autora).

O diálogo enfatiza que a formação normalista se pautava nas teorias voltadas para a renovação da educação e do ensino, que enxergavam a escola como lugar agradável e dinâmico, onde a criança poderia desenvolver suas habilidades, com liberdade de aprender e sem sofrer punições físicas. Contudo, notamos também que a adesão a essas ideias sofria resistência por parte de docentes adeptos dos modelos de ensino marcados pela tradição escolar, que centralizava o processo no professor e era caracterizado pela disciplina e pela prática de punições.

Na edição de 15 de maio de 1943, o estudante do 5º ano, José Ferreira Castelo Branco, publicou um texto intitulado “A escola”, que contemplava essa discussão, apresentando uma visão da escola como ambiente de formação. Nesse texto, foi pontuado um conjunto de aspectos que, por muito tempo, transformaram as casas de ensino em um lugar temido pelas crianças devido aos sofrimentos

e fadigas ocasionados pela rotina de repetições, privações e castigos físicos impostos a elas. Amparado nas concepções de Decroly e Pestalozzi, o autor da matéria enfatiza que a criança carecia de movimento, brinquedo, distração e liberdade, pois prendê-la a uma série de obrigações como decorar letras e números, datas históricas e tantas outras coisas, “é colocar-se em oposição com a constituição infantil, é privar as crianças de uma necessidade biológica tão indispensável quanto o sono e a respiração, é, finalmente, sacrificar-lhes a saúde, tolher-lhes a iniciativa e atrofiar-lhes o raciocínio” (Castelo Branco, 1943, p. 5).

Ainda segundo o mesmo autor, o estabelecimento dessa perspectiva resultou das teorias educacionais disseminadas nas escolas normais, responsáveis pela formação de professores com a preparação adequada para o magistério amparada nos novos métodos e processos de ensino. Essas concepções resultaram na constituição de uma visão moderna de escola, como um espaço atrativo e de estímulo à criatividade da criança. Nesse sentido,

A escola não mais é tida como uma oficina enfadonha, onde os discípulos cotidianamente vão receber tarefas e executá-las [...]. O infante, ao dirigir-se à escola, tem a certeza de que não receberá nenhum castigo que lhe martirize o corpo; e o professor não mais acarreta doenças aos seus alunos, como a miopia, escolioses e muitos outros defeitos físicos e mentais produzidos pelo rigor da disciplina e pela falta de conhecimentos pedagógicos indispensáveis à boa administração educacional. Não existem mais as nuvens espessas do rigor que atemorizava a criança. A escola moderna é um lugar sadio, cheio de alegrias e de prazeres, para onde as crianças se dirigem com o riso nos lábios e com alegria no íntimo; e aí protegidas por ensinamentos e cuidados corporais e espirituais retamente admirados, recebem luz para o cérebro, vigor para o corpo, vida ao espírito e energias para a vida que é luta e trabalho (Castelo Branco, 1943, p. 5).

Além das inflexões acerca das novas concepções sobre a escola, os enunciados do jornal revelaram outros aspectos interessantes associados à educação e ao ensino. Um dos pontos tratados diz respeito ao surgimento da Escola Normal e às representações sobre os mestres. Ao abordar o “Como surgiu a primeira Escola Normal”, a aluna Aldenora R. de Moura procurou situar a criação da Escola Normal Oficial no Piauí, em 1910, como reflexo das preocupações a respeito da qualificação dos professores primários.

As representações acerca dos mestres podem ser vistas no texto “A professora: as minhas dedicadas mestras”, publicado na edição de 17 de outubro de 1933, no qual a estudante Ida de Freitas homenageou as suas professoras por meio de uma escrita carregada de sentimentos na qual se via a docência como um ofício árduo, devocional e nobre. As professoras foram percebidas como mães

que abdicam de basicamente tudo em favor da felicidade dos seus alunos. Nessa mesma linha, o aluno Raimundo Nonato dos Reis assinou o texto “O mestre – artífice da educação”, onde enfatizou que a riqueza e a grandeza da nação se equivalem ao nível cultural do seu povo. Deu destaque ao papel da escola e da família no processo de educação das crianças. Além disso, reconheceu o professor como sendo um obreiro da construção da nacionalidade por meio da sua contribuição para a formação da civilização humana. A respeito do ofício docente, o estudante, sublinha o seguinte:

Em sua missão abnegada, repartindo a luz do espírito, dando a emulação do exemplo, o mestre realiza um dos mais belos e sublimes dos trabalhos humanos e que afeta não apenas a um indivíduo, mas à família, à sociedade, à nação e vai repercutir no seio da harmonia universal para a qual concorro. Sua missão é um sacerdócio cuja responsabilidade redobra se ele tem o encargo de educar crianças, se é professor primário. Neste caso multiplicam-se os deveres. O mestre necessita reunir qualidades especiais: carece de um preparo conveniente que o torne apto ao desempenho da melindrosa tarefa de lidar com entes pequeninos, almas em formação (Reis, 1943, p. 2).

O trecho em destaque evidencia o modo como os professores eram vistos pelos seus discípulos. As matérias divulgadas demonstram as apropriações sobre as teorias educacionais do seu tempo, especialmente, suas apropriações acerca das ideias oriundas do movimento da Escola Nova, que anuncia a escola como espaço dinâmico, atrativo e com liberdade de aprender. Tal compreensão ocorria em contraposição, aos métodos adotados por professores que ainda privilegiavam metodologias rudimentares pautadas na disciplina rígida, execução de tarefas e castigos físicos, o que, em certa medida, tornava a escola um ambiente hostil para as crianças.

Os colaboradores e colaboradoras do periódico compreendiam que os professores que adotavam essa postura não haviam passado por uma qualificação que lhes permitisse um preparo adequado para o ofício do magistério, que pudesse lhes empreender uma nova compreensão sobre a escola. Por meio dessas publicações, se enfatizava o perfil ideal de professor, o qual deveria prezar pela liberdade e desenvolvimento das potencialidades dos estudantes, a partir de métodos dinâmicos e de sua participação ativa. Desse modo, as páginas de *A Escola* podem ser compreendidas como veículo de propagação de apropriações de concepções obtidas durante a formação normalista.

As matérias divulgadas nos permitem inferir que o jornal foi utilizado como veículo de colaboração pedagógica junto à escola, por tratar pautas que ampliavam as discussões articuladas à pauta da educação e do ensino.

b) Pátria e civismo

A Escola se inscreve como um periódico que ultrapassava a barreira do recurso metodológico utilizado para estimular a prática da leitura, escrita e a interação da classe normalista. Muito além disso, suas páginas veiculavam matérias de caráter cívico, colaborando para uma formação associada à valorização e amor à pátria. Com certa regularidade, seus números publicaram notícias e manifestações voltadas para a exaltação da nação, a evocação das ‘grandes’ efemérides nacionais, heróis, líderes e símbolos da nação. Vale lembrar que, no contexto de circulação do impresso, o país estava imerso na Era Vargas (1930 – 1945). Esse período teve, entre suas marcas, a busca pela instauração da modernidade por meio de um Estado forte e centralizado, que se valia também da propaganda cívica e patriótica para estimular a formação da identidade nacional. “Ao mesmo tempo em que se homenageavam os dirigentes nacionais e locais, também se estimulava a celebração do passado através das datas cívicas do calendário nacional e mesmo aquelas comemoradas em caráter local” (Vilanova, 2022, p. 306).

Diante disso, a imprensa foi se tornando, cada vez mais, um veículo de propaganda dos agentes do poder, uma vez que eles passaram a divulgar os atos do governo de forma articulada aos seus interesses. Nesse sentido, “um dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão é a imprensa, portadora e produtora de significações. A partir da necessidade de informar sobre fatos, opiniões e acontecimentos” (Bastos, 2002, p. 151). Observe o quadro 4, em que constam as publicações que agrupamos como abordagens cívicas.

Quadro 4 – Pátria e civismo

TITULOS	AUTORIA	ANO/ SÉRIE	Nº EDIÇÃO	PÁGINA	ANO
12 de outubro	//////////	////	1	2	1933
Visita de Getúlio Vargas ao CSCJ	//////////	////	1	3	1933
Palavras pronunciadas por James de Azevedo	James de Azevedo	////	5	1	1933
Dia da Pátria	//////////	////	7	1	1937
Teresina	Geralda Lima	3ª série	7	4	1937
O Rio Parnaíba	Maria do Carmo Barros	3ª série	7	4	1937
Discurso Profa. Zabóia Ribeiro em comemoração aos 8 anos do governo de Leônidas de Melo	Zabóia Ribeiro	////	9	1	1943
Belezas e riquezas do Brasil	Maria Cristina Oliveira	3ª ano	9	3	1943
Defesa passiva anti-aérea	Francisca Adir da Silva – Ginásio Leão XIII	////	9	4	1943
A Guerra	Maria da Conceição Drumond	////	9	6	1943
A mulher na guerra	//////////	////	9	8	1943
O Duque de Caxias	Luiza Pereira Lima	1ª ano	9	9	1943
A bandeira brasileira	Olinda Tuli Rbaid	////	9	9	1943

Fonte: *A Escola*, números 1, 5, 6, 7 e 9 (1933 – 1943)

Nessa concepção, observamos, na primeira edição do jornal, a notícia da visita do presidente Getúlio Vargas ao Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Teresina, ocorrida em 24 de setembro de 1933. Nessa matéria, percebemos uma narrativa caracterizada pela forte exaltação ao acontecimento. O texto detalhou os preparativos da recepção e a ansiedade dos presentes na expectativa de receber o presidente, produzindo uma demonstração de civismo e colaborando para a construção da figura do líder amado pela nação. Observe o trecho a seguir:

Para receber tão ilustre visitante o Colégio achava-se devidamente engalanado, apresentando um aspecto festivo. Ao alto da escadaria tremulavam as bandeiras brasileira e italiana e a porta principal ostentava as cores nacionais. [...]. Em todos os semblantes estava profunda ansiedade pelos preparativos do Colégio e o ar dos presentes notava-se que algo de extraordinário se ia passar. E, em verdade, não era apenas uma coisa inédita: era um acontecimento que ficaria indelével em nossos corações. Às 10 horas teve lugar a chegada do presidente Getúlio Vargas, acompanhado do ministro José Américo, do general Gois Monteiro, do interventor Landri Sales e de outros membros de sua ilustre comitiva. As alunas formando alas junto ao portão e dando vivas ao presidente e seus notáveis companheiros, cobriram-nos de flores. A comitiva tomou lugar no salão e as alunas cantaram o Hino do Colégio (A visita, 1933, p. 3).

A presença do Presidente Getúlio Vargas em Teresina foi motivo de muito entusiasmo por parte da sociedade, especialmente no meio escolar. Ao desembarcar, “no cais, alunos dos colégios de Teresina sacudiam bandeiras verdes e amarelas saudando a comitiva. A banda de música tocou a saudação presidencial e, entre os dobrados, se dirigiram em carro aberto ao Palácio de Karnak”

(Kruel, 2015, p. 211). Durante sua passagem pelo Piauí, ele visitou o Colégio Sagrado Coração de Jesus – conhecido como Colégios das Irmãs, a Escola Normal e inaugurou o Grupo Escolar Domingos Jorge Velho. Nesses educandários, Vargas e sua comitiva foram recepcionados sob aplausos pelos estudantes, que externavam forte admiração pelo líder da pátria. A seguir, podem ser observadas imagens da visita do presidente à Escola Normal e ao Colégio das Irmãs.

O Dia da Pátria foi celebrado na edição de 7 de setembro de 1937. O tema estampou a primeira página, publicada em homenagem à data, elucidando a memória cívica a respeito do processo de emancipação da nação em 1822. A matéria explicitou o sentimento de exaltação motivado pela libertação da nação do domínio português, conforme o trecho a seguir:

A data de hoje, tem para nós brasileiros, um cunho de especial carinho. Recorda o maior fato histórico, aquele que marca o início da nação livre, da nação liberta. O Brasil em 1822, adquiria, a 7 de setembro, sua fisionomia de Estado soberano, anseio dos verdadeiros patriotas que seriam os responsáveis pelos destinos da pátria estremecida. Os nossos maiores tomavam sobre os ombros o encargo pesado de dirigir um povo até então sujeito à vontade dos que se apossaram, pela descoberta, da imensa região da América do Sul. Entrava o Brasil no seio das nações civilizadas, conquistando, pela inteligência de seus filhos eminentes, o lugar de destaque pela influência que passaria a exercer na comunhão dos estados do continente. A liberdade que conquistamos naquele memorável dia era, sem dúvida, o despertar para as arremetidas gloriosas, para o avanço à finalidade histórica a que nos impusemos. [...] A ESCOLA, recordando os feitos gloriosos da nacionalidade, sente-se jubilosa no Dia da Pátria, evocando os nomes dos que deram ao Brasil a liberdade e a justiça, o amor e o progresso (Dia, 1937, p. 1, grifo da autora).

As lideranças locais também foram celebradas em homenagens, onde esses dirigentes figuravam como homens de inteligência, respeito e dotados de capacidade para conduzir o Piauí em direção ao progresso. Sob esse prisma, a Professa Zabóia Ribeiro proferiu discurso em comemoração ao oitavo ano do governo de Leônidas de Melo¹⁰. Seu discurso foi proferido em seção solene realizada no Teatro 4 de Setembro, no dia 3 de maio de 1943. A oradora teceu calorosos elogios ao dirigente e a sua atuação à frente do governo do estado. Segue um trecho da homenagem:

¹⁰ Leônidas de Castro Melo nasceu em Barras – PI, no dia 15 de agosto de 1897 e faleceu em Teresina a 25 de maio de 1988. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1920, tornou-se rapidamente um dos médicos mais respeitados do Piauí. Como político, durante o Governo Vargas, foi nomeado Secretário-Geral do Estado em 1933. Foi eleito governador do Piauí em 1935 pela Assembleia Estadual Constituinte e permaneceu no cargo durante o Estado Novo, como Interventor Federal, até novembro de 1945 (Gonçalves, 2003).

Vibra em todos nós Sr. Interventor, um contentamento extraordinário, porque reconhecemos a grandeza dos benefícios que tem prestado ao Piauí. Vossa administração sábia, guiada pelas normas do Direito, norteada por uma consciência reta e por um tão generoso coração não poderia ter deixado de proporcionar um manancial de paz e de felicidade. Justo é, portanto, o nosso júbilo quando transcorre mais um ano de vosso governo, marco indelével na História do Brasil! Resta-nos louvar a Deus por ter confiado os destinos do nosso Estado a um brasileiro tão ilustre e tão bom, que está perfeitamente integrado na consciência nacional. Vós também Sr. Interventor, deveria estar contente, porque tendes certeza de que cumpris o vosso dever, na difícil tarefa de lidar com a engenhosa e complicada máquina do Estado, honrando as tradições gloriosas dos nossos antepassados. Soubestes escolher auxiliares honestos e competentes, concorrendo todos para o engrandecimento e para a glória de nossa Pátria estremecida (Discurso, 1943, p. 1).

A fala marcada pela exaltação ao interventor, ao estado e à nação, sublinhou aspectos do contexto político das décadas de 1930 e 1940, em que o país viveu uma fase de forte centralização política em âmbito nacional e, por consequência, os representantes estaduais também recebiam homenagens, o que contribuía para a construção da unidade nacional. Nesse período, veiculavam-se, nas escolas, discursos ufanistas, com elogios e estima aos líderes da nação, o que colaborava para o fortalecimento do sentimento cívico e da nacionalidade, além de construir uma imagem de uma nação forte e promissora que avançava em direção ao progresso. A nacionalização da sociedade foi um dos principais objetivos do Governo Vargas, alcançados por meio de vários elementos e argumentos que auxiliaram o Estado nessa consolidação. Para isso, a educação e a cultura, tinham um importante papel para o fortalecimento da memória nacional (Melo, 2010).

A guerra também foi tema da edição de 1943. Naquele ano, o mundo ainda encontrava-se vivendo a trágica experiência da Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939 e que se estendeu até 1945. No texto “Defesa passiva antiaérea”, Francisca Adir da Silva, estudante do Ginásio Leão XIII, fez uma abordagem sobre a Segunda Guerra e rebateu os rumores de possíveis bombardeios em Teresina. Outro texto, sem autoria identificada, intitulado “A mulher na guerra”, tratou da contribuição das mulheres em favor da pátria, mediante o cuidado com a família, de orações e pedidos de proteção para os parentes enviados ao conflito. Com relação às contribuições escolares, um fragmento enfatiza o seguinte: “somos professoras, incutindo no ânimo dos alunos, o sentimento de patriotismo, contando-lhes os feitos heroicos de nossos antepassados e fazendo-lhes ver o que a Nação exige de cada um” (A mulher, 1943, p. 8). Em “A guerra”, Maria da Conceição Drumond, abordou a necessidade de ascender o espírito patriótico devido à ameaça da chegada da Guerra ao Brasil. O trecho abaixo, ilustra esse sentimento patriótico diante daquele cenário bélico. Leia:

Infelizmente a nossa Pátria, o nosso Brasil foi atingido por este monstro devastador que é a guerra. Cumpre a todos os brasileiros preparar-se convenientemente para defender esta terra que é bem nossa, pois a época que atravessamos é grave e tormentosa. E neste momento supremo devemos mostrar a nossa coragem e patriotismo para oferecer à Pátria ameaçada a vitória tão desejada por todos nós. Então, juntos com o mesmo ideal trabalharemos pela liberdade, pela justiça e pela paz (Drumond, 1943, p. 6).

Os valores morais também são divulgados como uma forma de orientar estudantes sobre uma conduta digna de jovens preocupados com a prosperidade da nação. No texto “Os bons e os maus hábitos” escrito na edição de n. 5 datada de 15 de maio de 1936, Valmira Miranda faz alusão aos bons costumes, sinalizando para a necessidade de se adquiri-los para se obter uma formação de indivíduos comprometidos com o desenvolvimento da Pátria. Nesse sentido, “a educação depende em grande parte da aquisição de bons hábitos, e para ser perfeita é necessária a fixação de formação do indivíduo. ‘Adquirir bons hábitos é formar a disciplina da vida’” (Miranda, 1933, p.4, grifos da autora).

O jornal foi, portanto, veículo de ideias com o objetivo de informar e colaborar para a formação da classe estudantil, por intermédio de enunciados associados à valorização e amor à pátria, ao respeito aos líderes e ancorada na formação da boa conduta.

c) Cotidiano escolar

Relatos sobre alguns aspectos da rotina da escola e da vida dos estudantes foram percebidos, entre os quais atividades estudantis e festividades da escola, relatos sobre a vida escolar e cartas destinadas aos familiares que, além de darem conta das angústias e nostalgias, também revelam aspectos do dia a dia dos alunos. Nessa perspectiva, “o jornal escolar registra em suas páginas elementos do cotidiano escolar, tornando possível compreender os discursos e as relações estabelecidas entre os alunos, professores, comunidade e Estado” (Ermel, 2015, p. 104). No quadro 5 expomos uma relação de publicações associadas ao cotidiano escolar.

Quadro 5 – Cotidiano escolar

TITULOS	AUTORIA	ANO/ SÉRIE	Nº EDIÇÃO	PÁGINA	ANO
Crepúsculo	//////////	////	5	2	1933
Conselhos	//////////	////	5	3	1933
O nosso 4º ano	Três Verbenas	////	1	4	1933
A data que festejamos	//////////	////	5	1	1936
Perfil	//////////	////	5	2	1936
Liga A Escola Nova e Clube da Leitura Firmina Sobreira	//////////	////	5	2	1936
Programa da festa em comemoração ao dia “15 de maio”	//////////	////	5	4	1936
Perfil	Areolina S. de Meneses	3ª série	7	2	1937
Arte culinária	SO'SSAP	3ª série	7	3	1937
Minha vida escolar	Edméa	3ª série	7	4	1937
Carta aberta a minha irmã	Conceição	////	9	8	1943
Natalícios	Editorial	////	9	12	1943
Escola Normal Oficial	//////////	////	9	11	1943

Fonte: *A Escola*, números 1, 5, 6, 7 e 9 (1933 – 1943)

As características dos estudantes foram veiculadas em algumas edições, em forma de perfis que descreviam aspectos que os caracterizavam. Em “O nosso 4º ano”, publicado na edição inaugural do jornal, uma normalista escreveu, em forma de quarteto, sobre a personalidade das colegas de turma. Iniciou sua escrita da seguinte forma: “Vou descrever com clareza/ O que venho observando/ Durante este bom período/ Em que estou estudando/ Espero não aborrecer/ As queridas amiguinhas/ Pois a troça bem de leve/ E não merece zanguinhas” (O nosso, 1933, p. 4). De maneira leve, o texto apresentou traços como o silêncio de Cacilda na hora da lição, as queixas da gordinha Maria Augusta, as dificuldades de Alita em Português e assim por diante.

Em edições posteriores, foram veiculados perfis que descreviam traços de alunas que se destacavam pela inteligência, dedicação às atividades da escola e pela beleza física. Esses escritos nos permitem olhar para dentro da escola, por meio das lentes dos estudantes, revelando o modo como eles se enxergavam, assim como ocorriam as relações de sociabilidade no interior da escola. As experiências escolares podem ser percebidas no texto “Minha vida escolar”, no qual a autora relata sua rotina diária, como estudante normalista. Vale a pena a leitura integral do texto.

Querem minhas colegas saber como passo durante a época dos estudos? Pois bem, é muito fácil a história. Às 6 [seis] da manhã, depois que ouço a voz maviosa de meu papai, que não se cansa de me chamar todos os dias, levanto-me e às pressas pego as minhas intoleráveis meias pretas, meu imponente uniforme e preparam-me. Às vezes, sem tomar café, saio às carreiras, para assistir às aulas de ginástica. Às 11 horas retiro-me da Normal e, em companhia de minha coleguinha Angélica, dou algumas viradas na cidade. Quando não quero fazer este passeio, fico de pé na praça Rio

Branco, a ouvir os lindos discos da Rianil. Quando chego em casa, muito cansada da vida, deito-me um pouco, enquanto acaba de chegar o resto da gente que vem de outras escolas. Almoço...

Para alento do corpo, espero que bata uma hora, afim de voltar novamente à Normal. Recomeçam as aulas às duas horas. Mas devido aos encontros com os colegas, não posso ficar em casa. Saio com antecedência. Às duas horas chego à escola. Uns dias subo as escadas cantando, e outro, tão séria que chamo a atenção das minhas colegas. Nesses dias de seriedade, com maior gosto pelas matérias do curso, passo as aulas em completo silêncio, ouvindo tudo quanto dizem os bons e proyectos professores. Sempre as aulas terminam às quatro horas. Embora com saudades, saio à frente, e com a minha boina (que mais parece uma cuia) jogada por cima do olho ou no cocuruta da cabeça, em companhia de umas coleguinhas, vou ao “Bar Normalista”, fazer a minha costumada visita. Depois de tomar um bom copo de gelado, saio novamente em direção à praça Rio Branco, para ouvir o “Rumba Negra”, disco apreciado pelas terceiranistas. Terminada a música, despeço-me das coleguinhas e tomo direção à casa. À noite estudo um pouco e mais tarde deito-me para sonhar com as aulas do dia seguinte, com os passeios e as coleguinhas, que com certeza, serão melhores... Eis o que tinha a dizer sobre minha vida escolar (Minha, 1937, p. 4).

Como se pode notar, o relato da aluna expôs, de maneira detalhada, suas atividades diárias. A escrita expressou o modo como se vestia, a relação de proximidade com algumas colegas, os passeios pela cidade, que contemplava passagens por espaços de sociabilidade como praças, bares, e gostos musicais. Assim, as informações a respeito do cotidiano escolar transpuseram os limites da escola e nos levaram a perceber outras práticas, as quais os alunos experimentavam durante a vida escolar. Revelaram ainda que a vida estudantil não se restringia a obrigações escolares no espaço da instituição.

As cartas publicadas também são fontes que evidenciam os dramas, saudades e outros sentimentos de muitos estudantes que deixavam suas famílias e eram transferidos para a capital, com o objetivo de prosseguir estudando. A publicação de missivas nos jornais escolares indica uma estratégia utilizada pelos seus autores, que procuravam noticiar suas saudades, desejos e fragilidades, uma vez que esses jornais tinham entre seus leitores, a classe estudantil, professores, funcionários, dirigentes de ensino e parte da sociedade extraescolar (Vilanova, 2018), especialmente os familiares. Portanto, esses periódicos eram percebidos como uma forma de acompanhar as atividades escolares e as produções estudantis. A propósito dessas questões, em “Carta aberta a minha irmã”, a estudante Conceição relatou suas angústias nos tempos de escola, em Teresina, marcados pela solidão, saudade da sua família e da terra natal:

Minha amiga, há quase três meses ou três séculos, que me encontro nesta Cidade Verde e cheia de progressos, longe muito longe do recanto onde eu vi submersa toda a minha felicidade. O que será de mim, triste, pesarosa e cheia de recordações martirizantes. Que lindos sentimentos habitam a alma de minhas amiguinhas!.. Permite o redentor que não seja apenas por alguns segundos, que o tempo dentro em breve não queira obscurecer e apagar com o véu da descrença e que nunca sejam transformados para o inverso. Eu, ao contrário delas, tenho a alma já descrente e desiludida. Que fazer? Correr? Parar?... Não sei! Eis a maldita incerteza! Eis a fraqueza humana! Eis enfim o que me martiriza e o que me conduz quase ao desespero. No entanto, querida, tu que tens a alma cheia de crença e fé no teu Cristo, faze preces, para que ele faça ressurgir na minha alma entristecida e no meu coração descrente a alegria de viver ou a coragem para suportar os enganos e desenganos da vida (Carta, 1943, p. 8).

Ainda que o fragmento se refira ao drama particular de Conceição, ele serve como representação sobre tantos outros casos de estudantes que sofreram suas angústias devido à solidão e à ausência da família. “Muitas vezes tinham que morar na casa de parentes, quase desconhecidos, sem o carinho e sem os cuidados de seus pais e familiares mais próximos. Ao que parece, isso contribuía para intensificar o sofrimento dos estudantes que viviam nessa condição” (Vilanova, 2019, p. 157).

As atividades realizadas e eventos promovidos pela instituição também foram noticiados. Nesse caso, a edição de 15 de maio de 1936, publicou a Programação da festa em comemoração do aniversário da Escola Normal, assim como a criação de organizações como a Liga A Escola Nova e Clube da Leitura Firmina Sobreira, enquanto o número de 15 de maio de 1943 publicou um quadro no qual apresentou o corpo administrativo, docente e a funcionalidade da escola. As celebrações do dia 15 de maio, aniversário da escola, se constituíram como uma das principais razões de existência do jornal. Nessa perspectiva, a programação anunciada em 1936 dá conta do movimento empreendido pelos estudantes em torno da efeméride. Acompanhe a programação:

PROGRAMA das festas organizadas pelo 5º ano em comemoração ao dia 15 de maio, no salão nobre da Escola Normal, às 9 horas:

I. Discurso sobre a data pela aluna Heloisa C. Lima.

II. RECITATIVOS:

- Pomba e chacal – Maria Otávia Poti
- Soneto – Maria Izaura Silva
- Saudade – Lídia Nevia

III. Posse das diretoras da Liga “Escola Nova”, do Clube de Leitura “Firma Sobreira”, usando da palavra os oradores das respectivas diretorias.

IV. CÂNTICOS:

- Hino 15 de maio, pelas alunas da escola.
- Valsa-canção – Lídia Neiva
- *Joujou* - Maria Izaura Silva
- Sonho de donzela – Maria de Lourdes Souza

A noite haverá uma *soirée* dançante no Clube dos Diários (Programa, 1936, p. 4, grifos da autora).

As atividades organizadas foram protagonizadas pela classe normalista que procurava demonstrar seu orgulho pelo educandário, por intermédio de diversas manifestações, entre as quais: pronunciamentos, declamações de versos, posses de diretorias de instituições estudantis, hino e baile. A edição de 15 de maio de 1943 publicou as atividades previstas para os festejos do aniversário da instituição, cuja programação contou com a “posse das diretorias do Conselho Central Literário ‘Amélia Beviláqua’, do Grêmio Literário ‘Getúlio Vargas’ e do Clube de Leitura ‘Firmina Sobreira’” (Programa, 1943, p. 11, grifos da autoria). Além de tudo, o programa contava com discursos, declamações de poesia, canto do hino da escola, entre outras atividades

Essas notícias revelam a ocorrência de uma relação de cooperação entre estudantes e instituição, por intermédio da realização de operações integradas, especialmente, considerando que a programação anunciada foi protagonizada por estudantes. Outro ponto observado diz respeito ao papel do jornal junto às famílias de alunos e alunas, posto que, ao alcançá-las, o mesmo servia como espaço de divulgação e prestação de contas das atividades desenvolvidas na e pela escola.

Aspectos das organizações estudantis que faziam parte da escola, também foram publicados no jornal. Esses enunciados deram destaque a um conjunto de práticas que faziam parte da cultura escolar. O dinamismo da escola e dos seus discentes pode ser percebido na importância dada às suas instituições. A título de exemplo, a matéria “Instituições literárias”, publicada na edição de 1943, noticiou que, em 27 de abril daquele ano, ocorreu a fundação do Conselho Literário Amélia Beviláqua e a nomeação de sua diretoria, constituída por José Ferreira Castelo Branco (Presidente), Maria do Carmo Tito Gonçalves (Secretária), Maria Alice Pires de Carvalho (Tesoureira).

Na mesma data, foi eleita a nova diretoria do Grêmio Literário Getúlio Vargas. No dia 6 de maio foi a vez da eleição da diretoria do Clube de Leitura Firmina Sobreira, realizada no salão da 4^a série da Escola Normal. Além dos estudantes da turma, o evento contou também com a direção da instituição e com os normalistas da 5^a série. A diretoria do referido clube ficou assim constituída: Demóstenes de Sousa Borba (presidente), Teresinha Cavalcanti (vice-presidente), Francisca Amasile Pereira (secretária), Maria Nazaré Soares (2^a secretária), Zilda Cruz (tesoureira), Ieda Carvalho (2^a tesoureira), Carmélia Fortes (3^a tesoureira), Francisco Bonasser (orador oficial), Amélia Campos (orador substituto). A existência dessas instituições de representação mostra que a classe normalista mantinha uma atuação ativa e uma estreita relação com docentes e dirigentes do educandário, pactuada por meio de conselho literário, grêmio estudantil e clube de leitura. Essas instituições tinham

um papel colaborativo relevante junto à escola, uma vez que participavam diretamente do planejamento e da organização de atividades pedagógicas e culturais promovidas na instituição.

Na edição de 1943 também foi publicado um quadro administrativo com aspectos da cultura organizacional da escola, com destaque para os cursos ofertados, anos, número de alunos, funções administrativas, qualidade de funcionários, professores e disciplinas. Por meio dessas informações, verificamos que na instituição havia dois cursos: o preparatório e o profissional. O primeiro voltava-se para instruções preliminares a respeito da formação normal e do perfil vocacional dos candidatos a normalista. No ano de 1943, encontravam-se abertas classes do 1º ao 5º ano, com um total de 337 estudantes matriculados. O corpo administrativo era constituído por diretor (1), secretário (1), auxiliar de secretário (1), bibliotecário (1), preparador conservador dos gabinetes de Física, Química e História Natural (1) e inspetores (6). Além do quadro administrativo, ainda foi elencado o corpo docente da escola e suas respectivas disciplinas.

Conforme podemos notar, nuances do cotidiano da Escola Normal podem ser percebidas em muitas matérias de *A Escola*, nas quais foram anunciadas informações sobre a organização e funcionamento da escola, festividades, dramas, saudades e as relações de sociabilidade dos alunos, que transcendiam os limites da escola, pois incluíam passeios pelas ruas da cidade, bailes, visitas aos bares e lanchonetes, entre tantas outras informações testemunhadas pelo impresso.

Considerações finais

O objetivo dessa pesquisa foi analisar o jornal *A Escola* como dispositivo pedagógico utilizado no processo de formação de estudantes normalistas e como espaço de veiculação dos assuntos relacionados ao cotidiano da escola. Para isso, realizamos uma análise de cinco edições do jornal, que circularam, de forma efêmera, entre 1933 e 1943.

O estudo revelou que o jornal serviu como veículo de divulgação de expressões de alunos e alunas, de concepções pedagógicas, de princípios e valores escolares e de aspectos do cotidiano normalista. Por conta disso, suas páginas se constituíram em um instrumento que colaborou para a formação da classe normalista em Teresina. Foi visto que a Escola Normal, considerada um dos principais estabelecimentos de ensino do Estado, serviu de inspiração para a elaboração e circulação do jornal, posto que algumas edições foram publicadas como forma de homenagem às comemorações de seu aniversário.

Embora as edições tenham apresentado abordagens variadas, a pesquisa se debruçou sobre as temáticas relacionadas à educação e ensino, pátria e civismo e cotidiano escolar. Por meio da análise

dessas categorias foi constatado que o jornal serviu como espaço de formação, mediante a veiculação de enunciados centrados no papel dos mestres, na importância da Escola Normal para educação piauiense e nas concepções pedagógicas propostas por educadores adeptos da Escola Nova.

As matérias relacionadas ao aspecto cívico, ocuparam um lugar privilegiado no impresso. Seus enunciados giravam em torno da exaltação da nação e a evocação de um passado glorioso, resultado da ação de grandes homens considerados responsáveis pelo progresso do país. Nessa esteira, o jornal foi utilizado também para promover a exaltação da pátria por meio de abordagens sobre as comemorações cívicas, celebrações de heróis e seus feitos, presentes nas notícias, discursos e anúncios de festividades que homenageavam os “fatos” marcantes da história nacional. Esses indícios fizeram do jornal um instrumento de formação articulado aos ideais do Estado, que tinha nas escolas e na educação importantes instrumentos de propagação dos valores da pátria.

Além disso, foram observados aspectos da vida de alunos e alunas e de suas relações com a escola, por meio da categoria cotidiano escolar, onde foi possível perceber que *A Escola* deu voz a variadas manifestações dos estudantes, que expressaram suas alegrias e angústias por meio de cartas, de relatos da rotina estudantil e de memórias afetivas. Noticiou também diversas atividades associadas ao cotidiano, a organização e ao funcionamento da instituição. Por meio desses registros foi possível observar que as experiências de alunos e alunas foram marcadas por sentimentos que afetaram suas vidas escolares, principalmente devido à distância de suas famílias. Por outro lado, deu a perceber a atuação estudantil no desenvolvimento de atividades junto aos variados órgãos existentes na escola, o que demonstra certa participação ativa da classe estudantil frente ao planejamento, organização e funcionamento da instituição.

Por fim, vale destacar que, além das abordagens exploradas, as páginas de *A Escola* merecem ser exploradas a partir de outras perspectivas, uma vez que o periódico se revelou como um vasto manancial de informações que dão visibilidade ao protagonismo dos estudantes e possibilitam interpretar e discutir o passado da educação no Piauí a partir da produção de outros olhares contemplados por estudos nesse tipo documentação.

Referências

A DATA que festejamos. *A Escola*. Ano 2, n. 5, p.1. Teresina – PI, 15 maio 1936.

A ESCOLA. *A Escola*. Ano 1, n. 1, p.2. Teresina – PI, 15 maio 1933.

A MULHER na guerra. A Guerra. *A Escola*. Ano 6, n.9, p. 8, Teresina – PI, 15 maio 1943.

A QUESTÃO da nova disciplina. *A Escola*. Ano 1, n. 1, p. 4, Teresina – PI, 17 out. 1933.

A VISITA do presidente Getúlio Vargas ao Colégio “Sagrado Coração de Jesus”. *A Escola*. Ano 1, n. 1, p.3. Teresina – PI, 17 out.1933.

BASTOS, M. H. C. Imprensa e cultura escolar: percurso da pesquisa sobre a imprensa estudantil no Brasil. In: DÍAZ, J. M. H. (coord.). *La prensa de los estolares y Estudiantes. Su contribución AL patrimonio histórico educativo*. Ediciones Universidad de Salamanca 1. ed, Salamanca (España), 2015, p. 21 – 43.

BASTOS, M. H. C.; ERMEL; T. F. O jornal *A Voz da Escola*: escritas dos alunos do Colégio Elementar Souza Lobo (Porto Alegre/RS, 1934-1940). In: Escritas estudantis em periódicos escolares (dossiê). **História da Educação** (Online), Porto Alegre, v. 17, n. 40, maio/ago. 2013, p. 143 – 173.

BASTOS, M. H. C. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAUJO, J.C.S.; GATTI JÚNIOR, D. (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas-SP, Autores Associados, Uberlândia – MG, EDUFU, 2002, p. 152-174.

CAPELATO, M. H. R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988.

CASTELO BRANCO, J. F. *A Escola*. Ano 6, n.9, p. 5, Teresina – PI, 15 maio 1943.

CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (org.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo, Escrituras Editora, 2002.

CARTA aberta a minha irmã. *A Escola*. Ano 6, n. 9, p. 8, Teresina, 15 de maio de 1943.

CASASANTA, G. **Jornais Escolares**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1939.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p.13 – 28.

DATA que festejamos. *A Escola*. Ano 2, n. 5, p.1. Teresina – PI, 15 maio 1936.

DIA da Pátria. *A Escola*. Ano 4, n.7, p. 1. Teresina – PI, 07 set. 1937,

DISCURSO pronunciado pela Profa. Zabóia Ribeiro na seção solene realizada no *Theatro 4 de Setembro*, em comemoração do 8º aniversário do Governo Dr. Leônidas de Melo, no dia 3 de maio. *A Escola*. Ano 6, n. 9, p.1. Teresina – PI, 15 maio 1943.

DRUMOND, M. C. A Guerra. *A Escola*. Ano 6, n.9, p. 6, Teresina – PI, 15 maio 1943.

ERMEL, T. F. **Como elaborar o jornal escolar?** orientações para as professoras na revista de ensino/RS (1950-1960). In: Díaz, J. M. H. (coord.). (2015). *La prensa de los escolares y Estudiantes. Su contribución AL patrimonio histórico educativo*. Salamanca, ES, Ediciones Universidad de Salamanca, 2015, p. 103-114.

FARIA FILHO, L. M. o jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX.

In: ARAUJO, J.C.S; GATTI JÚNIOR, D. (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas-SP, Autores Associados, Uberlândia – MG, EDUFU, 2002, p. 133 - 150

FREINET, C. **O jornal escolar**. Editora Estampa, 1974.

FREITAS, I. A professora: as minhas dedicadas mestras. *A Escola*. Ano 1, n. 1, p. 2, Teresina – PI, 17 out. 1933.

GONÇALVES, W. C. **Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado**. Edição ilustrada e comentada. Teresina, Halley, 2003.

JACQUES, A. R.; GRIMALDI, BRASIL, L. C. O jornal Das Band da Deutsche Hilfsvereinsschule e as escritas escolares sobre imigração alemã (Colégio Farroupilha/RS, 1929-1938) - The Das Band newspaper at Deutsche Hilfsvereinsschule and schools writtens about german immigration. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 17, n. 40, p. 99–119, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/38093>. Acesso em: 24 jun. 2024.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, p. 9 – 43. jan./jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749/20279>. Acesso em: 15 jun. 2024.

KRUEL, K. **Genu Moares** – a mulher e o tempo. Teresina, Zodíaco, 2015.

LOPES, E.M.S. T.; GALVÃO, A. M. O. **Território plural**: a pesquisa em história da educação, 1 ed, São Paulo, Ática, 2010.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo. Contexto, 2008.

MAGALDI, A. M. B. M.; XAVIER, L. N. (org.) **Impressos e história da educação**: usos e destinos. Rio de Janeiro, 7Letras, 2008.

MELO, S. M. B. **A construção da memória cívica**: as festas escolares de civilidade no Piauí (1930 – 1945). Teresina, EDUFPI, 2010.

MENEZES, A. S. de. Mocidade piauiense. *A Escola*. Ano 4, n.7, p. 3. Teresina – PI, 07 set. 1937.

MINHA vida escolar. *A Escola*, ano 4, n.7, p. 4, Teresina – PI, 07 set. 1937.

MIRANDA, V. Os bons e os maus hábitos. *A Escola*. Ano 3, n. 5, p.4. Teresina – PI, 15 maio 1936.

MOURA, A. R. Como surgiu a primeira Escola Normal. *A Escola*. Ano 6, n. 9, p.7. Teresina – PI, 15 maio 1943.

NOVAMENTE no campo de luta. *A Escola*. Ano 6, n. 9, p. 1. Teresina – PI, 15 maio 1943.

NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, D. B; BASTOS, M. H. C.; (org.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p. 11 – 31.

O NOSSO 4º ano. *A Escola*. Ano 1, n. 1, p. 4, Teresina – PI, 17 out. 1933.

O NOSSO aparecimento. *A Escola*. Ano 1, n. 1, p. 1. Teresina – PI, 17 out. 1933.

OLIVEIRA, M. C. Belezas e riquezas do Brasil. *A Escola*. Ano 6, n. 9, p. 3. Teresina – PI, 15 maio 1943.

PROGRAMA da festa organizada pelo 5º ano em comemoração ao dia 15 de maio. *A Escola*, ano 3, n. 5, p. 4, Teresina – PI, 15 maio 1936.

PROGRAMA das festividades do 15 de maio. *A Escola*. Ano 6, n. 9, p. 11, Teresina – PI, 15 maio 1943.

QUEIROZ, T. J. **Educação no Piauí (1880-1930)**. 2 ed. Teresina, Academia Piauiense de Letras, 2017.

REIS, R. N. O mestre – artífice da educação. *A Escola*. Ano 6, n. 9, p. 2, Teresina – PI, 15 maio 1943.

SILVA, F. A. Defesa passiva antiaérea. *A Escola*. Teresina – PI, ano VI, n.9, 15 mai. 1943, p. 4.

SILVA, I. P. Uma apreciação. *A Escola*. Ano 1, n. 1, p. 2, Teresina – PI, 17 out. 1933.

SOARES, N. P. L. **Escola Normal em Teresina (1864 – 2003)**: reconstruindo uma memória da formação de professores. Dissertação (Mestrado em Educação). 184 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2004.

VILANOVA, F. G. As Exposições de Imprensa Escolar no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo (1933-1936). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 24, n. 1, p. e314, 9 jan. 2024

VILANOVA, F. G. Cartas escritas em jornais estudantis. In: MIGNOT, A. C. (org.). **A ilusão do leitor**: cartas, imprensa e educação. 1 ed. Curitiba – PR, CRV, 2018, p. 201 – 216.

VILANOVA, F. G. Vestígios autobiográficos na imprensa periódica escolar no Piauí. In: REIS, A. C. C.; MONTI, E. G. M.; FERRO, M. A. B. (orgs.). **Narrativas (auto)biográficas**: educação, pesquisas e reflexões. Teresina: EDUFPI, 2019.

VILANOVA, F. G. **Instruir a mocidade e espalhar a luz**: imprensa escolar como estratégia de formação dos estudantes piauienses (1930 – 1948). Tese (Doutorado) 400 f. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2022. 400 f.

Periódicos consultados

A Escola. Teresina – PI, Ano I, n. 1, 17 out. 1933.

A Escola. Teresina – PI, Ano III, n. 5, 15 mai. 1936.

A Escola. Teresina – PI, Ano IV, n. 6, 15 mai. 1937.

A Escola. Teresina – PI, Ano IV, n. 7, 7 set. 1937.

A Escola. Teresina – PI, Ano VI, n. 9, 15 mai. 1943.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença
Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 08/03/2024
Aprovado em: 13/08/2024